

## **A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis**

*Jean-Luc Moriceau*<sup>1</sup>

Colocando afetos no centro da pesquisa, a virada afetiva oferece uma possibilidade privilegiada para estudar a comunicação, incluindo questões de gênero, vulnerabilidade e desigualdade. Proponho aqui considerar a virada afetiva não primariamente como uma proposição ontológica (há afetos e são importantes na comunicação), nem mesmo uma estratégia epistemológica (uma maneira de acessar o que não poderia ser de outra forma). Antes disso, a virada afetiva define uma ética e uma política. Levinas propõe a ética como a primeira filosofia, que vem antes da produção do conhecimento. É tal ordem que esses estudos vão seguir. Tal ética envolve a responsabilidade do pesquisador muito além do que é comumente chamado de ética da pesquisa.

Na virada afetiva, os participantes da pesquisa (observadxs, pesquisadores, leitores, etc.) são considerados em sua capacidade de afetar e ser afetados. Isto dá as pesquisas que fazem parte da virada afetiva características muito singulares e interessantes:

- Sua capacidade de afetar e ser afetado coloca o pesquisador não em uma posição de estudo, mas de comunicação e essa comunicação precisa ser considerada eticamente.
- O que é comunicado são primeiro afetos antes de ser (possivelmente) transformado em conceitos.
- A relação de comunicação ética exige que o contexto e a experiência incorporada sejam compreendidos e induzem uma aprendizagem em vez de uma contribuição para um „knowledge gap“.
- O corpo e o narrativa de si do pesquisador são a mídia dos afetos, eles são importantes. O pesquisador tem gênero, raça, posição social, história, conhecimento. Mas um si imerso em um mundo, afetado e afetando, sensível e sentindo, plural singular mas opaco, um si capaz de aprender, de revisar sua narrativa de si.

---

<sup>1</sup> O autor agradece calorosamente Isabela Paes por sua valiosa revisão linguística.

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :

Jean-Luc Moriceau, 2019, "A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis", in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

Este texto é baseado em uma entrevista dada por Alphonso Lingis (precursor e principal representante de uma linha ética e incorporada na virada a afetar, também tradutor de Lévinas e Merleau-Ponty) e que acaba de ser publicada<sup>2</sup>. Nós vamos seguir algumas de suas propostas para mostrar alguns aspectos desse relacionamento ético.

O que vamos enfatizar é que, segundo Lingis, a pesquisa está no centro de três relações éticas — a relação com a diferença, a relação campo estudado/leitor e a relação com o leitor — que definem uma ética do encontro como doação e gratidão (e, portanto, a partir do exterior), uma ética da surpresa e da aprendizagem, uma ética do far away, far ago, uma ética da comunidade mesmo com aqueles com quem não temos nada em comum.

### **1/ Ética da relação com a diferença**

Lingis: - Here there is an ethical imperative; before the other I have to respond and to respond directly and honestly. There is this presence of the other at the origin of writing; when I write, I am responding to what has been said to me, demanded of me. When I write about someone I have encountered, I seek to make that someone present to the reader. That someone addressed me, questioned me, and continues to do so as I seek to represent him or her faithfully. The reader is the third presence of yet another. The reader is present as someone to whom I offer what I say to his or her questioning and judgment. The writing is held within these three relationships to another, three ethical relationships.<sup>3</sup>

Com Alphonso Lingis, o outro não é estudado, ele não é um objeto de estudo. O encontro, o estranho, a surpresa afetam e acionam o pensamento. O encontro com o rosto nu e precário do outro é imperativo e doação. Ele afeta não apenas nossa sensibilidade, mas também nossas ontologias e categorias: o mundo como definido pelo conhecimento estabelecido ou pelo autor.

O encontro é uma doação: o dado da fenomenologia, mas acima de tudo um presente trazido pelo outro e o receber com abertura, que dá a

---

<sup>2</sup> Hugo Letiche, Jean-Luc Moriceau, 2018, "An interview with Alphonso LINGIS", *Society and Business Review*, Vol. 13, n°3, pp. 254-257.

<sup>3</sup> Lingis em Letiche e Moriceau, op. cit. p. 254.

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :

Jean-Luc Moriceau, 2019, “A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis”, in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

experimentar e a pensar — o pensamento que se segue é gratidão. O pensamento não é a vitória heroica do pensador, ele nos é dado, ele vem de fora. O encontro dá a pensar / dá a experienciar - experimentar / dá a viver. Mas uma doação obriga, o encontro torna imperativo escrever, como resposta / responsabilidade. Porque o encontro nos afeta e, em contrapartida, afetamos a situação. É sobre pensar sobre a ética desse relacionamento, uma ética da nossa escrita. Somos levados a falar sobre o encontro e, portanto, em parte para falar por, tentando ser fiéis ao dom/presente que nos foi dado.

Tomemos o exemplo da peça *Gisberta*, de Roberto Carrera. Estou convencido de que um ator pode atuar todos os papéis — mas um encontro pode afetar nossas certezas mais enraizadas. Nessa peça, o ator Luis Lobianco faz o papel de *Gisberta*, artista brasileira, exilada na Europa e que será assassinada pela transfobia. Depois de um grande sucesso no Brasil, está no centro de uma controvérsia acalorada na sua representação no CCBB Belo Horizonte. A comunidade trans protesta porque a peça não foi encenada por uma atriz trans. A mesma pergunta é repetida, por exemplo, com a peça de Robert Lepage, a ser apresentada por Ariane Mnouchkine no Théâtre du Soleil, que quer aumentar a conscientização sobre a história colonial dos índios canadenses, mas sem a presença ou o envolvimento de artistas indígenas desse país.

No Manifesto *Representatividade Trans já – Diga não ao Trans Fake* as artistas trans insistem que não seria um problema se um papel trans fosse interpretado por um ator cis se as trans não fossem totalmente impedidas de qualquer função ou qualquer trabalho no mundo das artes:

No dia em que não for mais preciso separar ou diferenciar artistas cis de artistas trans.

No dia em que formos ao teatro, ao cinema ou mesmo ligarmos a televisão e virmos artistas trans interpretando personagens cis naturalmente.

Nesse dia poderemos conversar sobre liberdade artística e dizer que o ator não tem sexo.

No momento, estamos tentando ter o direito de entrar, de estar, de pertencer e de permanecer.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> <https://www.facebook.com/RepresentatividadeTrans/posts/manifesto-representatividade-trans-j%C3%A1diga-n%C3%A3o-ao-trans-faken%C3%B3s-atrizes-e-atores-/1857260104543557/>

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :  
Jean-Luc Moriceau, 2019, “A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis”, in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

A peça quer falar por (a favor de mas também no lugar de) as trans. Seus criadores foram afetados e querem afetar o público pela situação dramática do mundo trans. Segundo as trans, não seria um problema se as trans não fossem excluídas da vida artística, também de qualquer forma de emprego, se elas não fossem assassinadas, marginalizadas ou estigmatizadas pelo fato de ser trans:

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Somos assassinadxs todos os dias, com extrema violência, ódio e requintes de crueldade. Nossa segunda causa de morte é o suicídio. A vida média de uma pessoa trans é de apenas 35 anos. Somos, quase todxs, expulsas de casa muito cedo, às vezes com apenas 12 ou 14 anos de idade. Mais de 90% da nossa população está na prostituição, pois o mercado de trabalho não nos aceita.<sup>5</sup>

A peça é criada por pessoas cis, brancas, da elite para pessoas a maioria cis, branca, da elite, que são sensíveis e choram diante da situação. Mas a peça não muda a situação das trans. Ela reproduz o sistema, sem dar emprego, sem impedir os assassinatos, ela permite ganhar fama e dinheiro falando sobre elas, mas de fato em nome delas, e de dar boa consciência a todos. O „transfake” se vale de um discurso para se promover quando se baseia na narrativa do mundo das travestis e transexuais sem trazer nenhum benefício para essas pessoas.

A virada afetiva requer pensar em nossa performatividade: como afetamos o que está sendo estudado. Samuel Veissière<sup>6</sup>, quando estudava prostitutas nas ruas da Bahia, percebeu que ganhava seu salário e sua reputação aproveitando-se de um certo modo de precariedade e opressão contra as prostitutas, como se ele fosse um 'cafetão'. Sua pesquisa deve ser entendida dentro da economia cultural transatlântica do desejo e à luz dos espectros da situação imperial.

Nós escrevemos porque estamos afetados, mas devemos refletir sobre os efeitos de nossa escrita. Estar afetado pode significar sentir a

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Veissière S. P. L (2011), *The Ghosts of Empire: Violence, Suffering and Mobility in the Transatlantic Cultural Economy of Desire* (Contributions to Transnational Feminism), LIT Verlag, Münster.  
Veissière S. P. L (2010) “Making a Living: The Gringo Ethnographer as Pimp of the Suffering in the Late Capitalist Night”, *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*, Vol. 10, No 1, pp. 29-39.

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :

Jean-Luc Moriceau, 2019, "A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis", in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

impossibilidade de não escrever. Luis Lobianco nos lembra que "Eu acho que eu me sentiria mal se estivesse neste teatro falando de assuntos banais e ordinários"<sup>7</sup>. O teatro deve poder falar pelo outro, ter efeitos na sociedade e formar um lugar de fala que permita falar aos poderosos (uma forma de parhesia). A pesquisa deve ser capaz de falar pelo outro, mesmo porque tem um lugar de fala que o autorize e requer. Mas há algo estranho aqui que resiste, que grita para ser ouvido. Gostaríamos de permanecer em nossa própria lógica, mas não é possível não ouvir aqueles gritos e recriminações que desafiam nossa certeza de ser. Não podemos deixar de aceitar sermos afetados, em nossa sensibilidade, em nossas categorias, em nossas crenças, em nossa legitimidade enquanto pesquisador.

Quando apresentei este caso em uma conferência, um etnógrafo bem conhecido que escreveu sobre a descolonização de discursos disse que a etnografia deve ser capaz de falar pelo outro, ponto final. Não, na perspectiva dos afetos há algo que deve nos perturbar, o que deve nos afetar em nossa certeza de estar certo, em nosso "direito de ser".

Não é somente uma questão de lugar de fala. Levinas distinguiu o dizer do dito. O dito, repetido em um verbatim, não é suficiente para expressar o dizer. O dizer não pode ser dissociado dos anos de opressão política, de todos os caminhos daqueles que falam, do passado e do presente colonial, do machismo e assim por diante. Como diz Massumi<sup>8</sup>, o afeto que parece o mais imediato, o que adere ao presente e à pele é, de fato, o ponto de contato com a memória e o imemorial, com os grandes fluxos políticos, outras geografias, etc.

Se eu dissesse 'o que fazer' (sobre uma pesquisa que não é minha), eu repetiria este modo de tomar posse de um lugar de fala e fingir saber em nome de outros. Há dois imperativos que se contradizem e que são compreendidos dentro de seu próprio sistema. Em vez de procurar uma síntese insatisfatória, trata-se de ver a política e a longa história (colonial, imperialismo, ética feita por homens brancos ocidentais, etc.) dentro desse confronto. Só pode nos guiar uma reflexão ética (não universal e discutível).

---

<sup>7</sup> "Gisberta' reacende discussão da representatividade de artistas trans", O Tempo, 10/01/2018. <https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/gisberta-reacende-discuss%C3%A3o-da-representatividade-de-artistas-trans-1.1560964>

<sup>8</sup> Massumi B. (2015), *Politics of Affects*, Polity Press, Cambridge.

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :  
Jean-Luc Moriceau, 2019, "A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis", in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.  
Para tal, sugiro ver Ricoeur (1990)<sup>9</sup>.

A relação ética aberta pelos afetos nos força a repensar nossas certezas e nosso ser de pesquisador. Nós aprendemos muito, mas esse conhecimento vem da ética e não o contrário

## 2. Ética da relação campo estudado / leitor

Lingis: Thought is gratitude. Gratitude, giving thanks, is an action. Someone gives us a bottle of wine; we hold it, look at its origin, we appreciate at its color and savor its aroma and bouquet as we pour it to our friends before we fill our glass. Something is given, an encounter, an event, an insight. To write it is to hold it, deepen its contours and its vibrancy. To write well, with clarity and vigor, is to share it with others (...) Exhilaration launches learning and learning is exhilarating.<sup>10</sup>

---

O pesquisador é como o terceiro entre aquele que é encontrado e o leitor. O pesquisador é mediador. Como mídia, ele é quem coloca em contato, quem transmite, quem torna o relacionamento possível, mas quem pode obstruir ou distorcer. A circulação do encontrado para o leitor é mediada, filtrada, em perigo de ser interrompida pelo autor (que é não transparente). O pesquisador tem uma responsabilidade ética por essa comunicação. Não é uma questão de explicar ou traduzir, ou mesmo imitar o afeto, mas de tentar recriá-lo. A explicação manteria os efeitos à distância. A tradução traria o que é estrangeiro no encontro. E uma reprodução idêntica fora de contexto não produziria o mesmo efeito.

O objetivo é menos de produzir um conhecimento do que transmitir uma aprendizagem. Pois a aprendizagem de Lingis produz uma "alegria"; alegria e excitação.

O principal obstáculo para a aprendizagem é a sensação de já saber. O conhecimento geralmente atua como um sistema de defesa para não ser afetado. Ele traduz o estranho no que já é conhecido e interpõe o julgamento antes da exposição do corpo. Estamos acostumados a dizer: isso é o que é, isso é o que pensar. Nosso julgamento bloqueia e imuniza contra os afetos.

---

<sup>9</sup> Ricoeur P. (1990) *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil.

<sup>10</sup> Lingis em Letiche e Moriceau, op. cit., p. 256.

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :

Jean-Luc Moriceau, 2019, "A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis", in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

Uma maneira de evocar essa abordagem de Lingis é usar um texto de David Lapoujade sóbrio Deleuze e Nietzsche: o corpo que não aguenta mais<sup>11</sup>.

Estamos acostumados a pensar que agimos como um ator que opera um corpo. Mas David Lapoujade mostra que o que vem primeiro é uma passividade do corpo. Um corpo que não aguenta mais das deformações que sofre. E como Butler mostrou<sup>12</sup>, essas deformações são opacas para nós mesmos. Essas deformações vêm de todos os poderes que sofremos, dos adestramentos e das disciplinas e também dos imperativos que nos damos. "Sofrer é a condição primeira do corpo. Sofrer é a condição de estar exposto ao fora. Um corpo sofre de sua exposição à novidade do fora, ou seja, ele sofre de ser afetado" (p.86).

Nós desenvolvemos sistemas de defesa para não sermos afetados, para receber não ainda mais essas deformações que nos afetam porque nosso corpo não pode mais. Se ele está se defendendo contra ataques grosseiros, nos chegamos a não poder perceber as feridas sutis. "Aquele que vê na ferida sutil algo sem importância é precisamente aquele que já não sente nada, "que erigiu um sistema de defesa que o impede de apreender a variedade de afecções, reduzindo-as a uma resposta uniforme" (p. 21, citando Stiegler).

Aceitar ser desformado, primeiro nosso corpo, e então nosso pensamento, pelos afetos sutis, é a aprendizagem, que é a saborear e a transmitir. No caso de uma pesquisa com Carlos Mendonça et Isabela Paes sobre os duelos MCs<sup>13</sup>, trata-se de sentir os fluxos de desejo que passam pelos corpos jovens e eletrificados e sentir as deformações impostas pelos olhos sobre eles, pelos discursos sobre a estetização do mundo, sentir os afetos tristes e alegres impostos pelo contextos, sentir como os corpos resistem, como as narrativas de si se formam nesse contexto para entender a situação comunicacional desses corpos e narrativas, deste ser-no-mundo.

O que deve ser comunicado é o que força a pensar. O objetivo é de comunicar esse imperativo, e não o conteúdo do pensamento do autor. De

---

<sup>11</sup> "O corpo que não aguenta mais". In: Nietzsche e Deleuze - Que pode o corpo. Org. D. Lins e S. Gadelha. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

<sup>12</sup> Butler Judith, *Relatar a si mesmo*, Autêntica, 2015.

<sup>13</sup> Mendonça Carlos, Moriceau Jean-Luc & Paes Isabela, 2015, "Guerrilhas do sensível: estetização e contra-estetização do mundo", *Compós*, 09-12 juin 2015, Brasília, Brésil, ISSN: 2236-4285, [http://www.compos.org.br/biblioteca/guerrilhasdosensi-velcompos2015\\_2772.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/guerrilhasdosensi-velcompos2015_2772.pdf)

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :

Jean-Luc Moriceau, 2019, "A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis", in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

fato, um pensamento formado inteiramente seria recebido pelo cérebro antes de ter desformado o corpo dos leitores. Toda a dificuldade e o desafio de Lingis é nos afetar para nos forçar a pensar, para repetir esse imperativo que é também um dom/um presente: desformar-nos para nos forçar a pensar, a doação de um pensamento a ser forjado. Trata-se de manter o poder e o estranho do afeto e nos forçar a pensar sem impor o que pensar. É sobre comunicar algo não formado mas desformado. Se for bem-sucedido, o leitor aprenderá e sentirá essa "alegria" e esse prazer como o de compartilharmos melhores vinhos.

### 3. Ética da relação com o leitor

Lingis: - I want to write as precisely and vigorously as possible so that the reader grasps what was given to me and the insight that arose from the given. The reader will grasp it from the perspective and direction of the succession of his or her insights. The thought the reader captures is not his, nor does he own it, and is no longer mine; it is ours and opens upon further thought.<sup>14</sup>

O relacionamento ético com o leitor não é o de quem sabe para quem ainda não sabe, para quem precisaria receber explicações. Ele é mais parecido com o de alguém que se sente sortudo por ter uma experiência de vida, uma aprendizagem e quem quer transmiti-la. Mas transmitir uma aprendizagem não é explicá-la, não é apenas descrevê-la, é recriar os afetos, as deformações, os poderes que o forçam a pensar. Pode-se pensar aqui no trabalho do leitor de Barthes<sup>15</sup> ou na partilha da sensível de Rancière<sup>16</sup>; e ainda mais em o seu mestre ignorante<sup>17</sup>. Ao pressupor uma igualdade de inteligências, o mestre ignorante força a pensar, dá todas as pistas, mas permanece ignorante: ele não tem a solução, o conhecimento ou o "já-sei" obstrui a criação de um novo significado singular, conteúdo em o dizer e num encontro.

---

<sup>14</sup> Lingis em Letiche e Moriceau, *op. cit.*, p.255.

<sup>15</sup> Barthes R. (1970), *S/Z*, Paris, Seuil.

<sup>16</sup> Rancière J. (2000), *Le Partage du sensible*, Paris : La Fabrique.

<sup>17</sup> Rancière J.(1987) *Le Maître ignorant : Cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle*, Paris: Fayard.



Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :  
Jean-Luc Moriceau, 2019, “A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis”, in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

Porque o que há para transmitir não são algumas visões abstratas da verdade ou um sistema de pensamento. Mas um arranjo de afetos para colocar o leitor em movimento, desformá-lo faz com que ele solte seu sistema de defesa para receber, por sua vez, o que foi dado a Lingis. O que Lingis recebeu não é uma lição, mas uma oportunidade para aprender e pensar, insights, uma experiência de vida. Para o leitor, para talvez recebê-lo, e deixar que essa experiência funcione dentro de ele.

Por exemplo, quando Lingis relembra seus desassossegos enquanto participava dos julgamentos do Khmer Vermelho em Phnom Penh: o objetivo da verdade objetiva, subjetiva e intersubjetiva, o que é necessário para a reconciliação, o conflito entre justiça retributiva e justiça restaurativa, a natureza questionável da recompensa por injustiças sofridas, a importância do perdão, etc. ele não vai propor um novo sistema para pensar a justiça, ele dará exemplos de elementos e palavras que levaram a tais desassossegos, e deixarão tais desassossegos trabalharem dentro do leitor.

Para conseguir essa comunicação de afetos, seus textos são performances. Especialmente suas apresentações públicas são performances reais: uma composição de música, imagens, cenas contadas, tudo isso encenado e performado em frente de nós. Recriar este arranjo específico de afetos para nos dar (força e oferta) para pensar. Assister a uma de suas performances, deixando os efeitos funcionarem e pensando em tal experiência é “exhilaration” - alegria e excitação.

A pesquisa não é uma busca pelo modelo certo, mas comunicação de experiências de vida, dadas por encontros — com o gosto da existência — que torna urgente o pensar. A pesquisa é como uma encarnação da filosofia de Levinas. O pesquisador não está acima e julga. Ele encontra rostos, que o chamam pelas suas diferenças, suas vulnerabilidades, suas singularidades, e mostram sua própria vulnerabilidade de existir, a vulnerabilidade do que ele achava que sabia. A ética não diz como tratar o outro e o vulnerável, é o estrangeiro e o vulnerável que doam novas paisagens éticas.

## **Conclusão**

Lingis: - Marxists have characterized much philosophical

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :

Jean-Luc Moriceau, 2019, “A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis”, in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.

ethics as an ethics of bourgeois society. Women have noted that the major thinkers in ethics have elaborated a distinctively male ethics. Reading much literature in ethics one notices that many of the examples are drawn from middle class life in developed countries. In going to the far away and long ago we are not only seeking to know what humans have been and are, but what we can become. Philosophy seeks out the most extraordinary and ecstatic possibilities”.<sup>18</sup>

Enquanto a pesquisa é geralmente a busca do que já sabemos, ou do que suspeitamos, embasados na revisão de literatura, nas hipóteses e no paradigma compartilhado, a virada afetiva nos passos de Lingis vem do estranho ou do estrangeiro. Quando a pesquisa é geralmente cheia de controle, de julgamento e de tentativas para convencer o leitor, Lingis nos chama para nos deixar afetar, desformar, acolher o rosto, o mundo, as alegrias e os sofrimentos do desconhecido. O relacionamento ético vem o primeiro. Ele intranquiliza o que pensávamos que sabíamos, até com a nossa certeza de ser. Ele oferece-nos um outro mundo e um outro conhecimento. Ele questiona nossa ética majoritária. Não propõe outra ética ou uma ética do outro. Ele desconstrói nossa ética para que outras éticas venham, forjadas para si mesmos.

O que a virada afetiva nos passos de Lingis permite é uma ética não maioritária. Uma ética que vem do outro, do vulnerável, do deficiente, do queer, do animal, da natureza, etc., que chega ao pesquisador sem aviso, da qual não podemos mais nos esquivar, mas que é bom refletir e compartilhar.

Nos passos de Lingis, a virada afetiva não é um método de pesquisa, não é um conhecimento, ela é um jeito de viver.

## Referências

BARTHES, R. (1970), *S/Z*, Paris, Seuil.

BUTLER, J., *Relatar a si mesmo*, Belo Horizonte; Autêntica, 2015.

LAPOUJADE, D. “O corpo que não aguenta mais”. Org. D. Lins e S. Gadelha In: *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LETICHE, H. & MORICEAU, “An interview with Alphonso LINGIS”, *Society and*

---

<sup>18</sup> Lingis em Letiche e Moriceau, *op. cit.*, p. 257.

Fichier auteur. Une version ultérieure a été publiée dans :

Jean-Luc Moriceau, 2019, “A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis”, in Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org), *Desigualdades, gêneros e comunicação*, São Paulo: Intercom, pp. 41-49.  
*Business Review*, Vol. 13, n°3, 2018, pp. 254-257.

MASSUMI, B. (2015), *Politics of Affects*, Polity Press, Cambridge. MENDONÇA, C;

MORICEAU, J-L & PAES, I. “Guerrilhas do Sensível: estetização e contra-estetização

do mundo”, Compós, 09-12 juin 2015, Brasilia, Brasil,

ISSN: 2236-4285, [http://www.compos.org.br/biblioteca/guerrilhasdosensivelcompos2015\\_2772.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/guerrilhasdosensivelcompos2015_2772.pdf)

RANCIÈRE, J. *Le Partage du sensible*, Paris: La Fabrique, 2000 / *A partilha do sensível*, São Paulo, EXO experimental, 2005.

RANCIÈRE, J. *Le Maître ignorant : Cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle*, Paris: Fayard, 1987 / *O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*, Belo Horizonte, Autentica, 2002.

RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990 / *O Si-Mesmo Como um Outro*, Campinas, Payrus, 1990.

VEISSIERE, S. P. L, *The Ghosts of Empire: Violence, Suffering and Mobility in the Transatlantic Cultural Economy of Desire (Contributions to Transnational Feminism)*, LIT Verlag, Münster, 2011.

VEISSIERE, S. P. L. “Making a Living: The Gringo Ethnographer as Pimp of the Suffering in the Late Capitalist Night”, *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*, Vol. 10, No 1, pp. 29-39, 2010.